

APOSTAS E PALPITES ÓBVIOS

Está aberta a temporada de apostas sobre o futuro da economia brasileira. Desnorteados com os estragos causados pela quebra da Rússia, que não souberam prever, jornalistas, analistas e investidores estrangeiros arriscam desenhar cenários para as semanas que se seguirão. Como nenhum deles tem bola de cristal, o que lhe garantiria ganhar muito mais nas bolsas de valores do que escrever análises, as previsões variam da obviedade à bobagem.

Boa parte do que se diz lá fora sobre o Brasil está na categoria da obviedade. O The Wall Street Journal publicou no domingo uma reportagem sobre as opções do governo brasileiro para enfrentar a crise e concluiu que elas são muito menores do que em 1997. "As próximas semanas serão cruciais", diz o artigo no parágrafo final. Sinal de que não tem a menor idéia do que pode acontecer de verdade.

O jornal Financial Times é outro que optou pelo óbvio, embora embrulhado em estatísti-

cas. Na edição de ontem publicou uma reportagem em que o economista Marcelo Carvalho, do J.P. Morgan, banco de investimento americano, calcula que o crescimento econômico brasileiro em 1999 será negativo (-2%). Levando-se em conta que o economista do Morgan havia dito num passado recente que o crescimento ficaria em 2% (positivos), pode-se concluir que nada impede uma mudança nos números num futuro próximo ou distante.

Na categoria das bobagens está uma entrevista publicada pelo jornal inglês Sunday Business. Nela, o homem forte do bilionário George Soros em Nova York, Stanley Druckenmiller, afirmou que o Brasil e Hong Kong serão as próximas vítimas do desastre russo. Druckenmiller repetiu o que seria o pensamento do chefe. A opinião carece de originalidade e credibilidade. Soros anda em baixa nos últimos dias. Teria perdido US\$ 2 bilhões com a quebra da economia russa.